

A “MULHER” COMO SÍMBOLO DA MODERNIDADE

RACIONALIZAÇÃO
DO TEMPO E DO
ESPAÇO DOMÉSTICO

Renata Geraissati
Castro de Almeida

Colaboração
Diógenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah



Na fachada da Casa da Boia, Zakie Naccache, esposa de Rizkallah Jorge, no espaço do “lar”, andar superior onde a família morou. Rizkallah Jorge, tipicamente, no espaço do “negócio”.

Ao final do mês da mulher convidamos nossos leitores a refletirem sobre a modificação no imaginário sobre o “papel feminino” na sociedade em fins do século XIX e início do século XX, e como vários processos históricos estão relacionados com essa construção, como a industrialização, a urbanização, o movimento trabalhista e as duas guerras mundiais.

Apesar do dia 8 de março ter sido oficializado como o Dia Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975, podemos remontar tentativas de estabelecer uma data para essa comemoração desde 1909, quando o Partido Socialista dos Estados Unidos capitaneou a celebração do Dia Nacional da Mulher, em 28 de fevereiro, como uma homenagem a marcha que diversas mulheres fizeram no ano anterior na cidade de Nova Iorque (EUA) protestando por melhores condições de emprego.

A proposta de tornar a data um movimento internacional pode ser atribuída a Clara Zetkin, ativista comunista que durante a Conferência Internacional de Mulheres Socialistas em Copenhague em 1910, propôs a criação de uma data oficial. A formalização da escolha do dia 08 de março se deu em função de uma greve que começou em 1917, sendo as mulheres as principais manifestantes.

Conforme aponta a historiadora Rochelle Ruthchild, líderes como Leon Trotsky viram o movimento como uma desobediência, já que

deveriam esperar pelo 1º de maio para iniciar os protestos (TIME, 2019).

A relação entre os movimentos trabalhistas e as mulheres também está expressa em outro símbolo bastante disseminado. Sem dúvida você já deve ter visto o cartaz icônico que foi reproduzido em capas de revistas, selos do governo estadunidense, inúmeros lambes-lambes colados em paredes, estampa de camisetas e memes com a frase “We can do it”, feito tendo como base a fotografia de uma operária da Base Aeronaval na Califórnia.



A representação tornou-se um marco da incorporação feminina na sociedade contemporânea e, segundo o National Archives and Records Administration, ela é uma das dez imagens mais solicitadas para o serviço de arquivos.

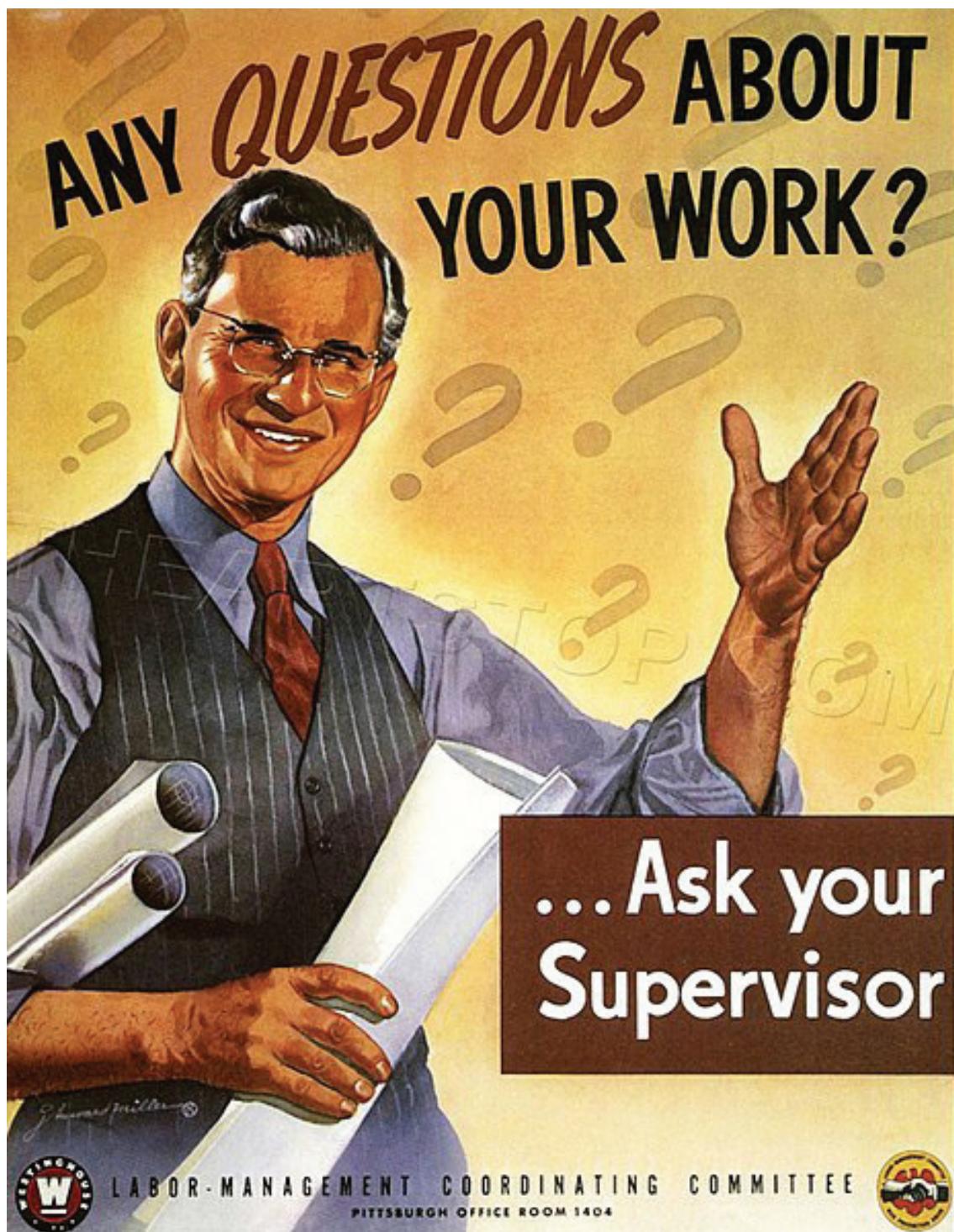
O poster propaganda encomendado em 1943 pelo Comitê de Coordenação de Produção de Guerra é parte de uma série produzida pelo artista gráfico J. Howard Miller e objetivava incentivar a unidade dos trabalhadores no esforço de guerra minimizando as agitações trabalhistas e as possíveis greves, em uma propaganda também anti-comunista. A série de mais de 40 produções gráficas, não tão conhecidas, tem outros que reforçam a hierarquia masculina entre eles o “Any Questions About Your Work? ... Ask your supervisor” algo que nos faz questionar se haveria um “caráter revolucionário” para o pôster pensado pelo seu autor.



Na página anterior, mulheres protestam na greve de 1908.

Acima, em 1917, mulheres foram as maiores manifestantes da greve iniciada em 8 de maio.





O historiador britânico Eric Hobsbawm (1917-2012) defende que um dos efeitos da industrialização, ao separar o espaço do trabalho do espaço doméstico, foi excluir as mulheres do mercado de trabalho que pagava salários, reforçando uma hierarquização entre os papéis femininos e masculinos.

A composição da renda da casa não era exclusividade do homem, mas sim responsabilidade daqueles que “saíam da casa” para ir para as fábricas, majoritariamente um “papel masculino”.

Especialmente dentro da classe média, a mulher era compreendida como a figura mantenedora da casa, e as operárias eram vistas como um desvio desta função (2012).

Portanto, tais processos não se deram de maneira homogênea para todas as mulheres de acordo com sua raça e classe, conforme aponta a obra *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX* que retrata os esforços de sobrevivência das vendedoras de tabuleiros e lavadeiras na cidade.

Argutamente Maria Odila Leite da Silva Dias aponta que: “o pressuposto de uma condição feminina, idealidade abstrata e universal, necessariamente a-histórica, empurra as mulheres de qualquer passado para espaços míticos sacralizados, onde exerceriam misteres apropriados, à margem dos fatos e ausentes da história (1995, p.13)”.

Se, por um lado a série de cartazes produzida pelo artista gráfico J. Howard Miller destacava a capacidade feminina (página anterior), por outro colocava a mulher sob a “tutela” de um líder masculino (ao lado).

Na página a seguir mulheres conversam em São Paulo, em 1910. O quadro “A Estudante”, de Anita Malfati, foi exposto na Semana de Arte Moderna de 1922.

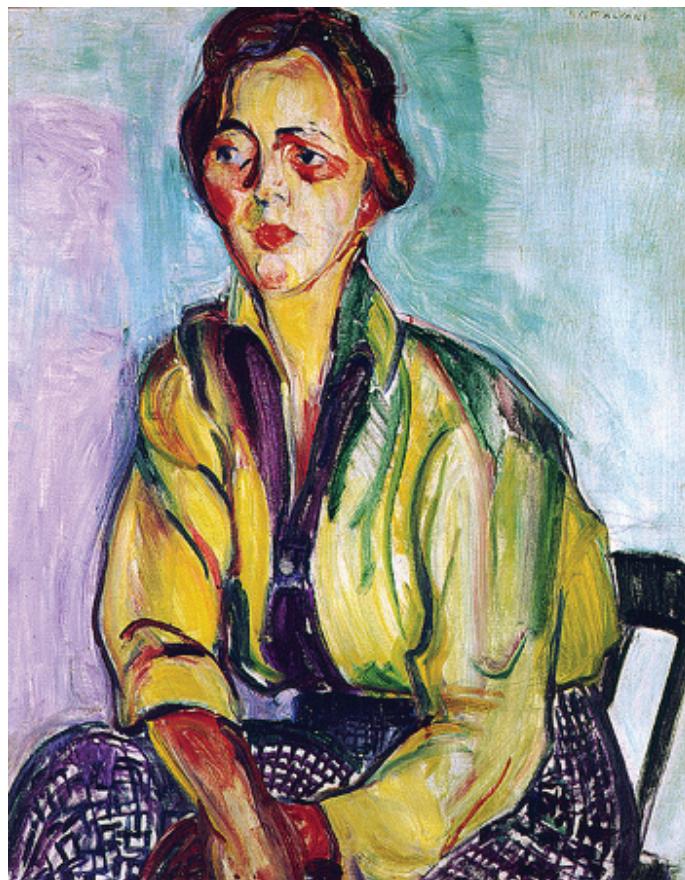


A respeito da representação das mulheres uma grande quantidade de periódicos dedicados a elas, sejam escritos por e para mulheres, foram produzidos nesse contexto. Merece destaque o periódico *O Jornal das Famílias*, veiculado de 1863 a 1878.

A importância desta publicação está em trazer à tona a inserção das mulheres no mercado de trabalho, além de apontar uma tendência que estava

a se tornar comum, a entrada do público feminino nas escolas (Silveira, 2015).

Não à toa um dos quadros de Anita Malfatti (1889-1964) expostos na Semana de Arte Moderna de



1922 foi *A Estudante*, produzido entre 1915 e 1916 representando a introdução da mulher no cotidiano da cidade.

O periódico contou com algumas colaboradoras, algumas provavelmente apenas pseudônimos, como Paulina Philadelphia e Victoria Colonna, predominantemente a participação feminina aparecia em forma de cartas, conselhos e dicas para o lar.

Havia um grande número de artigos assinados por homens, entre eles, o jovem escritor Machado de Assis, (abaixo) um escritor cujas personagens femininas eram majoritariamente pobres e, portanto, ansiavam por um emprego ou pelo casamento como algo que lhe pudessem prover um modo melhor de vida, com uma dedicação total ao seu lar ou trabalhando na casa de outra família.

525

JORNAL DAS FAMÍLIAS

entre esta e Menezes. Esta nova traição de seu marido quebrará-lhe a alma. O resto d'esta simples historia conta-se em duas palavras. Christiana conseguira acalmar o espírito de Eulalia e inspirar-lhe sentimentos de perdão. Entretanto, contou-lhe tudo o que ocorrera entre ella e Menezes, no presente e no passado.

Eulalia mostrou ao princípio grandes desejos de separar-se de seu marido e ir viver com Christiana; mas os conselhos d'esta, que, entre as razões de de-
coro que apresentou para que Eulalia não tornasse pública a historia das suas desgraças domésticas, allegou a existencia de uma filha do casal, que cumpria educar e proteger, esses conselhos desviáram o espírito de Eulalia dos seus primeiros projectos e fizeram-a resignada ao suppicio.

Nogueira quasi nada soube das occurrences que acabo de narrar; mas soube quanto era suficiente para esfriar a amizade que sentia por Menezes.

Quanto a este, enfiado ao princípio com o desenlace das cousas, tomou de novo o ar descuidoso e apparentemente singelo com que tratava tudo. Depois de uma mal alinhavada explicação dada á mulher a respeito dos factos que tão evidentemente o accusavão, começou de novo a tratá-la com as mesmas caricias e cuidados do tempo em que merecia a confiança de Eulalia.

Nunca mais voltou ao casal Menezes a alegria franca e a plena satisfação dos primeiros dias. Os affagos de Menezes encontravão sua mulher fria e indiferente, e se alguma cousa mudava era o desprezo íntimo e crescente que Eulalia votava a seu marido.

A pobre mãe, viúva da peior viuez d'esta vida, que é aquella que annulla o casamento conservando o conjugé, só vivia para sua filha.

Dizer como acabarão ou como vão acabando as cousas não entra no plano d'este escripto: o desenlace ainda é mais vulgar que o corpo da acção.

Quanto ao que ha de vulgar em tudo o que acabo de contar, sou eu o primeiro a reconhecê-lo. Mas que querem? Eu não pretendo senão esboçar quadros ou caracteres, conforme me ocorrem ou vou encontrando. É isto e nada mais.

MACHADO DE ASSIS.



RACIONALIZAÇÃO DO LAR

Inserida no processo de especialização dos cômodos da casa está o surgimento da cozinha como espaço dedicado exclusivamente ao processamento dos alimentos. Com a introdução da eletricidade e dos fogões a gás, seu espaço foi afetado pelo processo de mecanização com o foco na assepsia, diminuição de mobilização do corpo e o trabalho mais racionalizado e padronizado possível.



Boa cozinha

Casa feliz

Cozinha perfeita
ASSEIO
ECONOMIA
CONFORTO
ENCONTRA-SE NÚM
FOGÃO
DE GAZ
PEÇAM INFORMAÇÕES

DA
Société Anonyme
du Gaz, de Rio
de Janeiro.

Assembléa, 93

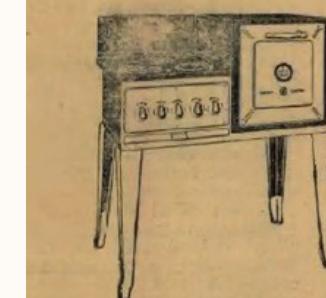
Publicações mensais como a Revista Feminina - A Luta Moderna, que se colocava como porta-voz dos interesses femininos de então, propagandeiam as benesses dos novos inventos visando a integração da mulher em uma sociedade cada vez mais urbanizada.

A boa mesa

prende em casa os maridos



RETENHA em casa seu marido. Prepare-lhe um jantar gostoso. Os fogões General Electric permitem fazer hygienica, economica e rapidamente os pratos mais complicados. A cozinha electrica, asseada, moderna e efficiente, conserva nos alimentos todo o seu valor nutritivo e dá-lhes o melhor sabor, pois os fogões G-E mantêm uma temperatura sempre constante e regulavel. Empreste ao seu lar um novo encanto com o emprego dos fogões General Electric.



FOGÃO ELECTRICO
GENERAL ELECTRIC

Peça informações ou uma demonstração, a qualquer dos nossos auxiliares ou telephone para o escriptorio da

Em novembro de 1915, a reportagem *A eletricidade no Lar* defendia que “nas casas onde existe uma instalação adequada a eletricidade representa inúmeras comodidades” reforçando que nos últimos anos uma grande profusão de novos equipamentos elétricos surgiam para facilitar os “labores domésticos”, e desconfortos relacionados a “incomoda” e “suja” tarefa de acender o fogo era “eliminada” com a utilização de aparelhos elétricos em que apenas movendo o botão era possível atingir o calor desejado. Seus benefícios na cozinha eram inúmeros:

“Onde, como aqui em S. Paulo, a tarifa é muito módica, é possível não só cozinhar com a eletricidade, como também com seu auxílio executar outros trabalhos culinários, como bater ovos, misturar a massa para o pão, picar a carne, fazer sorvetes, moer café, lavar e passar roupa e em caso de emergência por intermédio dos radiadores elétricos aquecer a casa evitando assim a necessidade de pôr em função todo o sistema calorífico (v.18, p.26)”.

Na página anterior, propagandas publicadas em jornais do início do Séc. XX ressaltam a “modernidade” dos novos equipamentos, ao mesmo tempo em que reforçam a divisão de classes e o caráter da mulher como a provedora de conforto ao núcleo familiar.

Ao lado, páginas do Catálogo Comercial da Casa da Boia, de 1920, mostra a incorporação das novas tecnologias, em uma parte dedicada a peças de fogões.

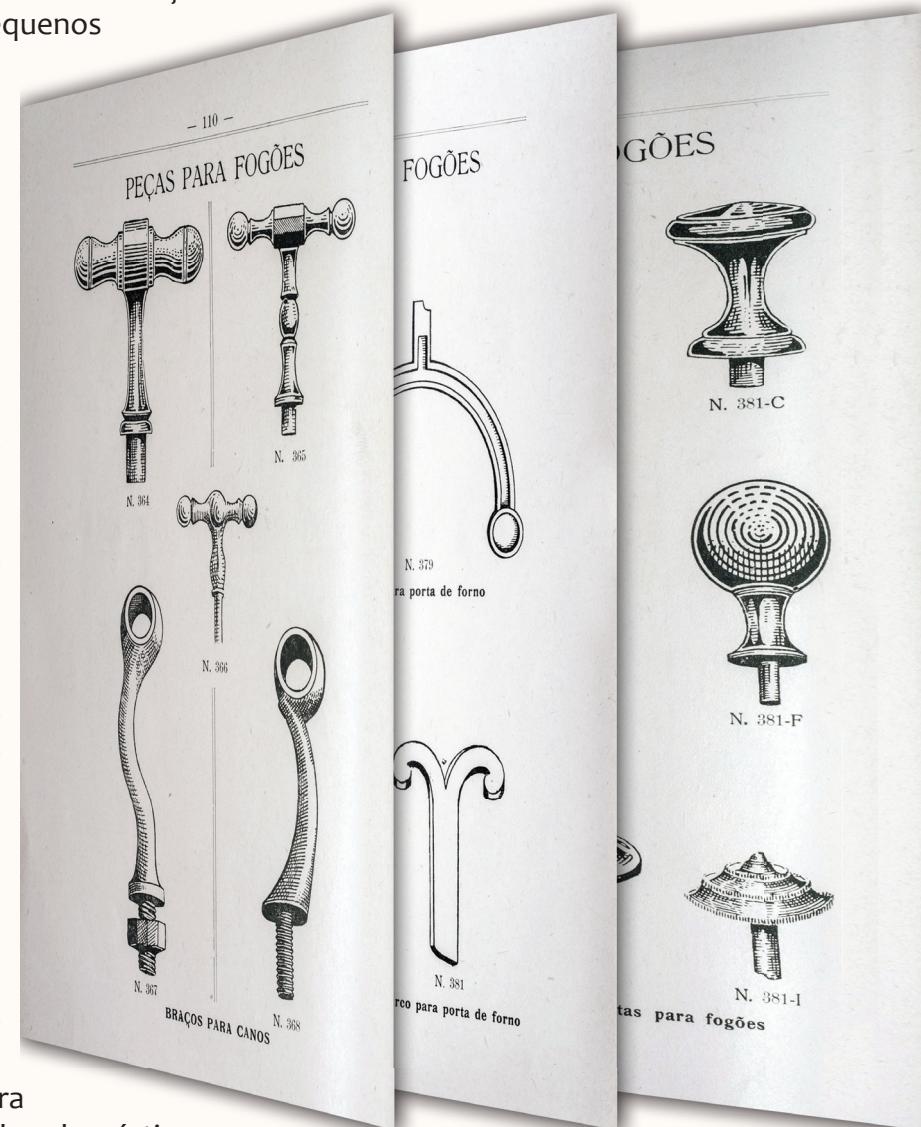
Podemos verificar seu direcionamento especialmente para mulheres das classes média e alta com a constante menção de “suas criadas”, como na passagem “os pequenos fogões elétricos de mesa, podem, em mãos de uma criada engenhosa, ser úteis para múltiplos fins”.

Portanto, vemos que na difusão de qual seria o papel da “mulher moderna” havia claramente uma demarcação de fronteiras de classes.

A expansão na oferta desses bens pode ser conferida no catálogo comercial da Casa da Boia, em especial nas suas sessões sobre artigos para fogões econômicos, artigos para eletricidade e artigos para gás.

Suas páginas reproduzem diversos itens que poderiam ser adquiridos para os fogões para deixá-los de acordo com os gostos do cliente, a exemplo, uma “sereia para a porta de forno” (p.113).

No volume de dezembro de 1915, a Revista Feminina no especial *Entretenimento para Moças* oferecia um código de conduta para as jovens relacionado aos cuidados domésticos postulando que não deveriam “narcisar-se” exaustivamente e nem auxiliar as criadas de modo que “a tarefa doméstica, sendo assim pesada, acaba por alterar a saúde e comprometer seriamente a beleza”, assim, o caminho ideal era o meio termo com a “aplicação



O que toda a mulher deve saber

Na nossa chronica precedente estudamos a divisão da receita: — 25% aluguel da casa; 12,5% vestuário; 37,5% alimentação e creados; 12,5% divertimentos; 12,5% fundo de previdência.

Vamos agora estudar algumas das rubricas ácima e vêr quaes os meios praticos de executar cada uma de elles com o minimo de despesa e o maximo de proveito. Não é preciso diser que nos referimos á famílias modestas, que dispõem de poucos rendimentos; as famílias ricas não necessitam evidentemente de pequenas economias.

DO ALUGUEL - É uma verba que pesa enormemente, com 25%, sobre o orçamento doméstico. Muitas vezes devido à posição de nossos maridos somos forçadas a elevar aquela porcentagem para termos uma casa que *faça mais vista*, em detrimento de outras rubricas igualmente ponderáveis. O meio de diminuir a verba do aluguel é procurar uma casa que tenha uma sala independente, que possa ser sublocada.

Geralmente o preço da sublocação dá para cobrir quasi um terço da despesa do aluguel.

Uma salinha bem arranjada, alegre, com bastante ar e luz, por modesta que seja dá 30\$ ou 40\$ por mês, o que equivale á terça parte de um aluguel de uma casa de 90\$ ou 120\$000. E' um meio comodo de aliviar o aluguel e adicionando-se um serviço de café simples pela manhã e a limpeza do quarto, a salinha poderá dar maior renda sem augmento de despesa.

É preciso porém muito cuidado na escolha do inquilino, pois muitas vezes a presença de uma pessoa extraña no lar pode acarretar consequências desagradaveis e mesmo graves. Estas consequencias como tambem o mote oferecido à maledicencia dos vizinhos, não terão lugar desde que a salinha seja absolutamente independente.

Ha casos porém em que esta hypothesis não se realiza e convém então só aceitar para inquilino pessoa cuja conducta, cujo sexo e cuja posição social, não possam trazer compromissos nem acarretar dúvida, para a boa harmonia e boa reputação do lar.

Um casal sem filhos não terá inconveniente, por exemplo, em alugar uma sala e dar pensão, à uma senhora solteira ou viúva, de boa conduta, isto ajudará imensamente à redução das despesas da casa. Muitas vezes o casal, apesar de modesto, pela posição social que ocupa, envergonha-se de anunciar que aceita uma pensionista e como é pelo anuncio que mais facilmente poderia obtê-la, deixam de lado esta ideia. Não ha necessidade porém de declarar no anuncio quem é que deseja receber uma pensionista.

sionista. Aqui está um modelo comum de annuncio que é discreto:

«Em casa de família (ou de casal sem filhos) aceita-se uma pensionista, que possa dar referências sobre a sua conduta, ao preço de tanto por mês. Cartas nesta redacção ou na posta restante a X 5000».

Advinho d'aqui o sorriso de algumas de minhas leitoras, como que a dizer: — Isto é uma coisa tão sabida que não valia pena explicar numa revista!

Não, não é assim tão sabido; nem toda a gente tem o criterio económico e si alguma dia nossas leitoras se der ao trabalho de estudar algumas individualidades das que a rodeiam, verificará como a noção das *pequenas economias* é quasi nulla em alguns corações.

economias e quase nenhuma em alguma corrobros e pouco praticada por outros, por indolencia e falta de iniciativa. Aliás esta nossa secção não se destina á intellectueas e sim aos lares modestos e principalmente aos lares novos. ALIMENTAÇÃO: — A casa e a alimentação são os dois problemas mais custosos e mais importantes da vida. De um e de outro dependem directamente a bolsa e a saúde. Os lares de poucos baveres devem ter uma alimentação principalmente substancial.

decretações primitivamente elaboradas com menor parte voluntária, que é a mais dispensiosa — e o maior coeficiente nutritivo possível. As sobre-mesas, os doces, os biscoitinhos, toda a série interessante das quinqui-lharias alimentares — podem provar os talentos de uma dona de casa e deleitar o paladar do marido, mas representam sempre um aumento de despesa, com resultados nutritivos em nada comparáveis à uma alimentação sadia, bem proporcionada e econô-mica, que retempera e avigora as ener-

gias productoras. «Eu te fiz uns suspiros deliciosos, umas torradinhas magníficas, um manjar do céu saboroso!» — diz as vezes a dona de casa modesta ao marido, pensando ter feito obra digna de apreço. Um bom analista responderia porém: «Tú augmentaste as nossas despesas e perdeste o teu tempo para me alimentares mal si bem que saborosamente».

Todas estas pequenas coisas deliciosas não são despresáveis quando o lar é abastado; são porém muitas carinhosas e pouco práticas quando a dona de casa sente o dever de andar com o prumo na mão. Neste caso que a deve preocupar principalmente é o problema de alimentar forte e saudavelmente o seu lar, com o mínimo de despesa. Para chegar a este resultado é preciso antes de tudo saber fazer as compras. «Ora, quem é que não sabe fazer as compras? perguntará a leitora — com poucos dias de prática a gente sabe onde pôde comprar mais barato». No nosso artigo seguinte estudaremos este assunto e muitas das nossas leitoras se convencerão que compravam mal e caro quando no entanto supunham o contrario. HELENA E SURIAM

de um método rigoroso” para evitar gasto de tempo e energia desnecessários.

Em 1938, Mariateresa Ellender em palestra proferida no Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT) - criado em 1931 para realizar discussões sobre um projeto industrial para o país e para a formulação de ideias relativas à educação profissional - defendia a necessidade de implantação de um “sistema de disciplina” no espaço doméstico, sendo assim, as donas de casa deveria internalizá-lo para que pudesse efetuar a correção dos maus hábitos das “criadas” de forma a tornar o trabalho no lar o mais racional e higiênico possível (Felicio, 2021).

Portanto, caberia à mulher uma administração rigorosa da casa, e no décimo terceiro volume da Revista Femina de 1915, a publicação destacava em sua coluna recorrente *O que toda mulher deve saber*, que entre os conhecimentos necessários para uma “boa” dona de casa estava a divisão da receita com 25% destinado ao aluguel, 12,5% ao vestuário, 37,5% à alimentação e criados, 12,5% divertimentos e 12,5% a um fundo de previdência (v.13, p.14). Assim, nos próximos volumes ensinaram como “executar cada uma delas com o mínimo de despesas e o máximo de proveito”.

A tensão que envolvia o papel da mulher pode ser entendida nas reportagens que retratam o impacto da Primeira Guerra (1914-1918) na vida feminina, sendo noticiado sob duas abordagens distintas, ressaltando o papel ativo das mulheres “na atual guerra européia os gestos heróicos de senhoras que sob o disfarce de trajes masculinos se têm alisitado nos exércitos combatentes”, como a condessa Henriqueta de Habenstruth (v. 15, p.17); ou em sua coluna Moda frisando “O que há a dizer sobre

a moda? Quase nada. Entraram no Rio, mais que em São Paulo, os costumes-uniformes - só agora!”, mencionando às “rabonas a Joffre” comandante do exército francês na Primeira Guerra Mundial, ou dos “casacos à Kaiser”, uma referência a Guilherme II, o último Imperador alemão, e fazem uma crítica ao fato de as mulheres usarem cada vez “menos pano” indo ao teatro como iam jogar tênis (v. 15, p.18-20).



Revista Feminina ressalta tanto a participação das mulheres “vestidas de homem” na guerra quanto...

Qual o papel da mulher e qual seu lugar em um contexto de ampla difusão da tecnologia e de emprego extensivo de energia elétrica?

Como vimos, inúmeras revistas as compreendiam como consumidoras das benesses produzidas pela modernidade, assim, as tinham como público para seus anúncios e assumiram que elas seriam as responsáveis por sua utilização.



traz um editorial sobre moda. Dualidade que mostra uma interpretação ambígua da posição da mulher.

Contudo, conforme fica evidente nas colunas, havia uma fronteira demarcada entre essa mulher e suas "criadas", demonstrando que a "mulher moderna" pertencia às classes médias da cidade, e a introdução dos eletrodomésticos servia também para acentuar essa distinção.

A Revista Feminina tratava com ironia a mudança de papel feminino e sua integração na sociedade criticando "a nossa evolução" para "mudar de sexo", hoje vemos que a situação, apesar de ainda serem necessárias muitas outras conquistas, é bastante diferente.

É emblemática a foto da capa desse editorial, onde se vê o homem, Rizkallah Jorge, no espaço de "negócios" do sobrado onde a família morava e tinha a fundição e loja. À mulher, sua esposa, Zake Naccache, a sociedade da época reservava o pa-

pel de cuidadora do núcleo familiar, responsável pela casa, pelo o cuidar e o educar dos filhos, lugar que ocupa na foto.

Um século depois das discussões da Semana de Arte Moderna, protagonizada por várias mulheres de personalidades e obras marcantes que ficaram registradas em nossa história, a mulher assume seu papel de protagonista na "nova sociedade moderna".

À frente de todo um projeto de concepção do negócio de nossa loja, responsável pela manutenção do patrimônio arquitetônico e histórico da Casa da Boia, protagonista das atividades culturais e tomadora de decisões na Casa da Boia, Adriana Rizkallah personifica estas mudanças em nossa sociedade, junto das inúmeras colaboradoras que fazem parte de nossa história.



Conferência Mundial sobre o Ano da Mulher, no México, em 1975, quando foi estabelecido pela ONU o dia 8 de maio como Dia Internacional da Mulher.



*Sob olhar masculino
“Ask your supervisor”,
mulheres formam a força de
trabalho na pesca na Finlândia,
no início do Séc. XX.*

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Maria Silva. A Revista Feminina e a moda em tempos de guerra (1914-1918). *dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, v. 14, n. 29, p. 122-143, 3 ago. 2020.

BIRD, William L; RUBENSTEIN, Harry. *Design for Victory: World War II Poster on the American Home Front*. New York: Princeton Architectural Press, 1998.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva Dias. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

FELICIO, Laura Stocco. A modernidade na cozinha: corpo, gênero e eletricidade (São Paulo, 1908-1960). *Seminário Internacional Fazendo Gênero, n.12 (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2021.

HAYNES, Suyin. *The Radical Reason Why March 8 Is International Women’s Day Time*. Disponível em: <https://time.com/5187268/international-womens-day-history/>

HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital*. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

REVISTA FEMININA - A Luta Moderna. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/jornais_revistas

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. O trabalho feminino no espaço doméstico: gênero e classe no Jornal das Famílias. Rio de Janeiro: Revista Topoi, dez 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/topoi/a/8XdLmyYmWjVQfB4fzhNk7TM/?lang=pt>

SILVA, João M. da. *Cozinha modelo: o impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)*. São Paulo: EDUSP, 2008.



Adriana Rizkallah, diretora cultural, de projetos e manutenção, responsável pelo conceito de loja e varejo da Casa da Boia.

CASA DA BOIA
METAIS E HIDRÁULICA
DESENDE 1898

*Diretor: Mario Rizkallah
março, 2022*